

Um filme-denúncia contra a guerra de agressão

... ou a alternativa às prateleiras vazias de Maputo

por Lourenço Jossias

As imagens são horrorizantes e criam arrepios no espectador; os entrevistados contam as torturas e os crimes por que passaram e eles próprios, sem orelhas, com membros do corpo amputados ou feridos, são a ilustração do crime; o título da obra é sugestivo, quer que se acabe com um mal social, que ainda cria miséria e desgraça em muitos lares moçambicanos, ainda enluta muitas famílias. **Matar um sonho** é o título de um filme-documentário, é uma reportagem de guerra feita para a televisão, é uma denúncia da natureza criminosa da guerra que grassa em Moçambique. **Matar um sonho**, para Anders Nilson, co-realizador do mesmo, é a alternativa para as prateleiras vazias de Maputo.

É possível que para os outros a sensação seja diferente, sejam neutros e pensem que é mais um

deste país, onde a guerra que se desenvolve em Moçambique ainda é vista e entendida como uma «guerra civil» entre moçambicanos. O filme desmente quem pretende fazer da agressão externa a Moçambique uma guerra interna e, dá pontos de análise para a compreensão do fenómeno.

Anders Nilson e Gunila Akessen, dois cidadãos suecos a trabalhar em Moçambique há vários anos, são os realizadores deste filme-documentário exibido já em Maputo e em alguns pontos da Europa. Na ausência da sua companheira Gunila, em missão de serviço na Beira, Anders Nilson, jornalista ao serviço da AIM, acedeu falar para Domingo sobre este documentário.

Resultado de uma colaboração muito estreita entre estas duas pessoas, o filme surge na sequência de outros feitos pela mesma equi-

Arrancou-se para o terreno e percorreram-se as regiões do país na altura mais afectadas pela acção do banditismo armado, nomeadamente Inhambane, Manica e Sofala.

Imagens horrorizantes, arrepiantes, provas evidentes da violência e da brutalidade dos homens; palavras elucidativas de como age o inimigo, provas da determinação de um povo em lutar e vencer, foram então registadas.

Um professor, Joaquim Mapinga, que deu aulas durante 20 anos, merecendo o respeito e admiração de todos quantos dele receberam aulas, conta a sua história no filme. Conta como é que os bandidos atacaram a sua escola, situada a 30 quilómetros da Beira.

Joaquim Mapinga explica para a câmara, como é que os criminosos lhe cortaram as orelhas e o nariz. Desde então, para além de traumas diversos, o entrevistado tem encontrado dificuldades na respiração. Ele é apenas um dos entrevistados.

Para as filmagens e recolha de material, os autores do documentário experimentaram, como explica Anders Nilson, várias dificuldades, mas que são normais, não são nada de especial, porque todos nós as conhecemos.

«Viajámos de camiões, de carros ligeiros e servimo-nos de todos os meios disponíveis em cada momento. Era necessário ter muita paciência para conseguir o filme e aproveitar todas as oportunidades que surgissem — explica Nilson.

Neste momento, está-se a fazer um trabalho de distribuição internacional do documentário, depois da sua exibição em nove países por canais de televisão e por outros organismos. O impacto, tem sido grande e os telespectadores, depois de verem o documento, ficam com uma nova e verdadeira informação sobre a guerra em Moçambique, concluem que, realmente, há uma agressão neste país situado na África Austral, vizinho da África do Sul.

O trabalho de distribuição e divulgação do filme é contínuo e, para além das estações televisivas dos países interessados, o filme foi exibido por organizações de solidariedade com Moçambique, em conferências e colóquios sobre o apartheid e mesmo em grupos restritos de pessoas.

As imagens do filme mostram-nos pontes e escolas destruídas, autocarros e viaturas em carcaças, postos médicos, armazéns e lojas saqueadas.

«Era necessário falarmos desta guerra. Quisemos mostrar a natureza da guerra, que esta não é uma guerra no sentido convencional do termo, mas sim uma agressão dirigida contra populações indefesas, contra alvos estratégicos do desenvolvimento do país — as palavras são de Anders Nilson.

O filme é realmente uma denúncia que duas pessoas fazem; é a prova de que uma acção concertada, uma ideia clara daquilo que se quer, dá sempre bons resultados. Pena que acções desse género, esse tipo de perspectiva, não sejam regra mas sim excepção.

O entrevistado também sente o problema e dá a sua opinião: O problema é que muitos jornalistas estrangeiros, quando vêm a Moçambique, limitam-se a visitar a cidade de Maputo e ou locais históricos como Pambara ou Vilanculos.

Os que voltam daqui do Maputo — explica-nos — dão uma volta pelos bairros a fotografar ou filmar prateleiras vazias, a falar das bichas, da fome e da falta de produtos. Mas isso a gente sabe que há fome; que as prateleiras estão vazias. Mas para isso há explicações.

Uns fazem isso por falta de tempo ou de meios para viajar para a onde há novidades e coisas de interesse e importantes; outros fazem-no por falta de vontade, deliberadamente, e outros ainda limitam-se às prateleiras vazias porque as estruturas da nossa informação não

conseguiram alcançar o seu objectivo, porque na Europa, mesmo as pessoas que teoricamente conhecem a situação na África Austral, ficaram chocados com as imagens do filme. Dá um sentido emocional ao conhecimento que já tinham — conclui.



Os restos daquilo que foi um pára-quadros cobrem esta mulher deixada na miséria pelos terroristas. A foto foi obtida na Gorongosa por Anders Nilson.

filme. Mas para mim e para outros tantos compatriotas que assistiram à TVE naquela quarta-feira, a reacção foi bem diferente. Fomos mais longe e tivemos sentimentos.

Há imagens que nos entram pelo corpo adentro e nos levam (e fazem-nos sentir) ao sofrimento; há palavras de camponeses que explicam como é que os outros (bandidos armados) actuam, como é que chegam, destroem e partem. **Matar um sonho** tira dúvidas a muita gente, principalmente de fora

pa outros países da linha da Frente, como Angola e Botswana.

Tendo surgido um pedido da Televisão Sueca para que se fizesse um filme sobre Moçambique e aproveitando-se a experiência destes cidadãos suecos de muitos anos neste país, partiu-se para o trabalho.

Vimos que era bom mostrar, fora do país, a natureza criminosa desta guerra — explica Nilson, acrescentando que o trabalho, desde a recolha do material até à montagem, durou 10 meses.



No Hospital Provincial de Inhambane, os autores do filme registaram esta e outras imagens que retratam vítimas dos bandidos armados. (Foto de Anders Nilson)

permitted que se divulgue essa realidade.

Matar um sonho é, também, uma alternativa às prateleiras vazias, porque em todo o Mundo já se sabe que em Maputo as prateleiras estão assim, que há fome.

Os autores do filme pensam que

Matar um sonho é, por assim dizer, a denúncia de um crime, a sugestão para que se mate e se elimine o sonho que eles têm de um dia recolonizar Moçambique. Recuperar as posições perdidas, os privilégios, é simplesmente um sonho por eliminar.